



PROMETEUS

FILOSOFIA EM REVISTA

Ano 1 - no.1 Janeiro-Junho/ 2008 ISSN 1807-3042

Carta de Sêneca a Lucílio, CVII

Tradução do original em latim: Dr. Aldo Dinucci ¹

Sêneca saúda seu amigo Lucílio.

(1) Onde está aquela tua prudência? Onde a sagacidade nas coisas que se devem discernir? Onde a grandeza de alma? Já as pequenas coisas te afligem? Teus servos viram em tuas ocupações a oportunidade de fuga. Se os amigos te enganaram, que tenham então este nome, o qual nosso erro lhes colocou de modo impensado. E que sejam assim chamados, para que seja mais vergonhoso não o serem. Pois bem, há algo a menos entre as tuas coisas: aqueles amigos que agora te faltam são aqueles que destruíam a tua obra e te consideravam molesto aos demais.

(2) Nenhuma destas coisas é insólita, nenhuma inesperada. Ofender-te com estas coisas é tão ridículo quanto te queixares porque caíste em público ou porque te sujaste na lama. A mesma condição têm a vida, o banho público, a multidão, a viagem: algumas coisas serão atiradas em ti, algumas coisas acontecerão. Não é coisa delicada viver. A uma longa viagem vieste, e é necessário que escorregues e que tropeces e que caias e que te canses e que exclames: “Ó Morte!”, isto é, é necessário que mintas. Num lugar deixarás para trás um companheiro; noutra sepultarás um; noutra ainda terás medo; deste modo, por entre ferimentos, é necessário atravessar esta difícil viagem. (3) Deseja alguém morrer? Que seu espírito esteja preparado contra todas as coisas; que saiba por si mesmo que chegou onde estronda o trovão. Que saiba por si mesmo que chegou onde...

...Perdas e Vingança estabeleceram seus quartéis de governo

E pálidas e tristes doenças e a velhice habitam².

Nesta morada é necessário gastar a vida. Escapar dela não podes, desprezá-la podes. (4) Desprezarás, porém, se muitas vezes pensares e conjecturares as coisas futuras. Todos mais corajosamente atravessam aquilo para o que durante muito tempo se preparam, e, do mesmo modo, resistem, se previamente refletem sobre os obstáculos. Por outro lado, teme-se muito aquilo contra o que não se preparou, mesmo as coisas fúteis. Isto é necessário fazer: que nada seja para nós inesperado. E, porque todas as coisas são mais graves pela novidade, disto te

¹ Doutor em filosofia clássica pela PUC-RJ e professor adjunto da UFS

² Virgílio, *Eneida*, vi, 274 ss.

defenderá a reflexão constante – assim, peço-te que de modo algum ajas como um mau recruta.

(5) “Os servos me deixaram”. A outro roubaram, a outro falsamente acusaram, a outro assassinaram, a outro traíram, a outro esmagaram, a outro envenenaram, a outro atingiram com falsa acusação: o que quer que digas, aconteceu a muitos. Em seguida, <é preciso que saibas que> muitos e variados dardos há e são dirigidos a nós. Alguns estão fixados em nós, alguns são lançados e chegam com força máxima, (6) alguns, que vão atingir outros, resvalam em nós.

(6) Em nada nos admiremos destes <dardos>, para os quais nascemos; os quais, por esta razão, de modo algum devem ser lamentados, porque são pátria para todos. Assim, digo que são iguais <para todos>, pois também se pode sofrer aquilo do que se escapa. Além disto, uma lei eqüitativa é o que é estabelecido para todos, não o que ocorre para todos. Que seja prescrita eqüidade ao espírito, e que paguemos sem queixas os tributos de nossa condição mortal.

(7) O inverno faz vir o frio: é necessário gelar. O tempo traz de novo o calor: é necessário arder. A intempérie do céu provoca a saúde: é necessário adoecer. Uma fera em algum lugar se aproximará de nós, e um homem mais pernicioso que todas as feras. Algo a água, algo o fogo nos retirará. Esta condição das coisas não podemos mudar. Mas isto podemos <fazer>: adotar um espírito elevado e digno do homem nobre para (8) que corajosamente suportemos as coisas fortuitas e nos harmonizemos com a Natureza. A Natureza tempera este reino que vês com as mutações: o céu sereno sucede ao coberto de nuvens; agitam-se os mares com a condição de que se acalmem; parte do céu se ergue, parte imerge. A eternidade das coisas consiste nos contrários.

(9) É necessário que nosso espírito se adapte a esta lei; é necessário que siga esta lei, que a obedeça. E o que quer que aconteça, é necessário que pense ter devido acontecer e que não deseje repreender a Natureza, e que siga a Divindade, da qual todas as coisas provêm.

Mau soldado é quem (10) segue gemendo o comandante. Portanto, cheios de ardor e diligentes, recebamos as ordens e não desertemos o curso desta belíssima obra à qual foi entrelaçado o que quer que iremos suportar. E deste modo exortemos a Júpiter, pelo governo de quem é dirigida esta construção, do mesmo modo que nosso Cleanto exorta com versos muito eloqüentes, versos os quais me é permitido traduzir para o nosso idioma pelo exemplo de Cícero, homem muito eloqüente. Se te agradarem, os aprovarás, se te desagradarem, saberás que aqui segui o exemplo de Cícero:

(11) *Conduz-me, ó Pai Excelso e Senhor do Mundo,
Para onde quer que queiras, nenhum obstáculo me impedirá de seguir-te.
Diligente, estarei junto a ti. E caso eu não queira fazer
O que é possível ao intrépido, ainda assim seguir-te-ei gemendo e infeliz.
O Destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência.*

(12) Que vivamos assim, que falemos assim; que o destino nos encontre prontos e diligentes. Eis o espírito elevado que confiou a si mesmo ao destino. E, em oposição a ele, o fraco e degenerado, que luta contra e julga mal a ordem do mundo, e prefere corrigir os Deuses do que a si mesmo. Adeus.